

## 2. Metafísica da vontade

Nesse momento, no instante em que me sento para escrever, não me percebo apenas como um corpo extenso frente a uma mesa e a um computador. Mais do que a própria realidade material, faz-se presente em mim uma sufocante sensação de tensão, de ansiedade ocasionada pelo compromisso que vislumbro à minha frente. Muita coisa está em jogo e tudo depende daquilo que tento começar agora: o texto da minha dissertação de mestrado.

Não só agora, mas em toda a vida, uma miríade de sentimentos complementa minha realidade. Agora, a vontade de realizar e a expectativa são os elementos que compõem o meu mundo. Penso: será que conseguirei escrever um texto objetivo a partir do uso de minha razão de forma pura? Ou será que a avalanche subjetiva que acabo de descrever influenciará, inevitavelmente, o resultado final de meu trabalho? Indago afinal: essa descarga de sentimentos, da qual não posso me livrar, não seria responsável, justamente, por me proporcionar uma compreensão mais clara daquilo que pretendo desenvolver?

Falar sobre representações intuitivas em Schopenhauer é tratar do conhecimento imediato dado ao entendimento e já, de alguma forma, filtrado por suas categorias, que se constituem em espaço, tempo e causalidade. No entanto, tal representação ainda não pode ser dita racional, pois não foi refletida ou traduzida em conceitos. Por isso, falar sobre representações intuitivas implica ainda investigar a parte do homem que costumamos considerar como subjetiva ou sentimental, uma vez que tais representações remetem ao modo de conhecimento mais imediato no indivíduo, a uma noção apreendida do meio externo (empiricamente) e que se dá de uma vez, numa intuição imbuída de sentimento – ou de um natural interesse individual pelos fenômenos observados. As representações intuitivas, também afirmadas como conhecimento concreto, são apresentadas por Schopenhauer em contraposição às

representações abstratas ou conceituais. Estas seriam as representações teorizadas, racionalizadas, determinadas pelo "mecanismo mental" que permite produzir conceitos a partir das experiências imediatas.

Quando pensamos na existência de uma realidade interna do impulso e do querer coexistindo com o mundo objetivo, refletimos sobre o homem a partir de uma das perspectivas possíveis apresentadas em *O Mundo como Vontade e Representação*. Trata-se do ponto de vista da Vontade. Para entender a questão, podemos partir da afirmação de que a Vontade, afirmada pelo filósofo como universal e verdadeira essência do mundo, manifesta-se no indivíduo como a sua própria vontade de viver. Uma vontade de viver que muitas vezes classificamos como desejo, ansiedade, ambição, inquietação, ódio, amor e outros sentimentos. Em todo caso, tais sentimentos seriam expressões particulares do querer viver, presente em todo organismo, que manifestam o interesse existente na relação entre um indivíduo e os objetos que o cercam.

Mais do que uma inferência a partir da identificação dos desejos nos seres vivos, e das forças naturais nos seres inanimados, a Vontade é para Schopenhauer o conceito que designa a própria coisa em si. Essa questão remete diretamente a Kant, pois é a partir da construção deste filósofo sobre a razão, as possibilidades e as impossibilidades do conhecimento que Schopenhauer se propõe dar um passo adiante. Se para Kant existiria a tal coisa em si, permanecendo a uma instância inalcançável pela razão humana, Schopenhauer faz retornar a possibilidade de buscar a sua compreensão por outra via. Ele concorda que à razão é vedada a possibilidade de conhecer a verdade, mas percebe no conhecimento imediato, na experiência direta que obtemos através do nosso corpo um caminho seguro para que a essência do mundo seja evidenciada. Pois é o corpo que

*“possibilita os dois ‘pontos de consideração’ sobre o mundo. É a partir dele que se torna possível, nos termos de Schopenhauer, a ‘solução do enigma do mundo’, pela aceitação dessas ‘duas fontes de conhecimento tão heterogêneas’: a experiência externa (aquela que se constitui na relação sujeito-objeto) e a experiência interna (aquela que o*

*sujeito tem em seu próprio corpo). A visão kantiana consistiria em uma redução da experiência possível, compreendida necessariamente como construção do intelecto. É a partir da experiência interna que se torna viável sustentar o projeto de uma metafísica que, certamente, não poderia deixar de ser uma metafísica imanente”.<sup>1</sup>*

Esta essência já não poderia ser tomada como um objeto, visto que a percepção da realidade enquanto formada por objetos ou coisas é típica da razão e de seu princípio operador. Desta forma, a noção de coisa adquire aqui um significado impróprio. A coisa em si de que Schopenhauer fala não é algo material, que se possa ver ou tocar. Não está no espaço nem, em última instância, no tempo. Sendo assim, pode apenas ser sentida como impulso, como desejo, como um querer que nunca cessa em nosso corpo. O fundamento da verdade é o sentimento de estar vivo que todo indivíduo carrega e que lhe fornece os motivos para agir. Como afirma Leandro Chevitarese,

*“A grande contribuição de Schopenhauer para “continuar o caminho trilhado por Kant” começa a surgir, efetivamente, no Livro II, que propõe “inverter o lado da moeda”, considerando aquilo que não é representação. Nesse livro, o mundo é tomado como (als) vontade. Naturalmente, uma das primeiras questões que se apresenta refere-se às condições de cognoscibilidade da coisa-em-si – que, para Kant, era absolutamente inacessível ao conhecimento. Segundo Schopenhauer, aquilo que não é representação só pode ser descoberto por uma “via subterrânea”, uma “comunicação secreta”, uma “espécie de traição”. Isso seria impossível ‘se o próprio filósofo não fosse nada mais do que um puro sujeito que conhece (uma cabeça de anjo alado, sem corpo)’. O corpo é o ponto de entrelaçamento entre o mundo como representação e como vontade. Esse caráter singular, próprio ao corpo, deve-se ao fato de que somente ele pode ser tomado pelo sujeito do conhecimento de*

---

<sup>1</sup> CHEVITARESE, Leandro Pinheiro. *A ética em Schopenhauer: que “liberdade nos resta” para a prática de vida?* Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Filosofia, 2005. p.26.

*duas maneiras inteiramente distintas: como representação fenomênica – do mesmo modo que quaisquer outros objetos – e como vontade*”.<sup>2</sup>

No entanto, essa vontade percebida através do corpo é apresentada apenas como uma manifestação isolada da Vontade universal. A mesma vontade que podemos perceber como querer particular se encontra, na verdade, atuante em todos os entes observados no mundo fenomênico, como fundamento de toda representação. Ao descrever a vontade ainda pelos critérios da razão, Schopenhauer utiliza-se de exemplos-limite que lhe parecem tornar evidente a sua tese. É o caso de algumas noções científicas não explicáveis satisfatoriamente, e que normalmente são tomadas como pressupostos. É o caso do conceito de força, de energia, de eletricidade, campo magnético, gravidade, etc. Ele fala destas e de outras forças naturais que se expressam nos objetos inanimados e, de forma mais complexa, nos seres vivos. Para ele, tais forças não existiriam apenas de forma isolada, pois mais do que a soma ou a luta de inúmeras forças, o filósofo via em todos estes exemplos a expressão de uma única vontade, ainda que percebida de forma isolada em suas manifestações, por conta das limitações impostas pelo *princípio de razão suficiente*. No segundo livro de *O Mundo como Vontade e como Representação*, encontra-se uma descrição do mundo fenomênico enquanto manifestação – ou objetivação – da vontade em seus diversos graus. Trata-se da filosofia da natureza pelo ponto de vista da vontade, contudo, ainda sob o modelo do *princípio de razão suficiente*. Isto quer dizer que o mundo é apresentado tendo como ponto de partida o sentimento e o desejo internos, percebidos através do corpo e aplicados a todos os objetos observados no mundo submetidos ao princípio de razão.

Nesse momento surge um problema: o sentimento de estar vivo, o impulso do desejo e do querer, já que compreendemos agora como a manifestação individualizada da vontade só pode ser percebida no corpo do próprio sujeito que conhece. Todos os outros objetos no mundo continuam a ser percebidos por ele apenas como representação; afinal,

---

<sup>2</sup> Idem.. p.22.

não podemos sentir em nós a vontade interna de algo que nos aparece de fora, tal como a vontade de uma pedra por cair ou de uma planta por dar frutos. Dessa forma, “afirmar que meu corpo é vontade objetivada ainda não nos faz sair da individualidade”<sup>3</sup>. É o que constata Marie-José Pernin ao afirmar que a possibilidade de se compreender toda a natureza como expressão da vontade se dá por analogia, onde

*“por um lado, meu corpo é ao mesmo tempo conhecido como representação pelo conhecimento exterior, e como vontade pela consciência interior. Por outro lado, sei que os outros corpos são representações pelo conhecimento exterior; posso concluir que eles também são vontade no interior de si mesmos”.<sup>4</sup>*

Pernin traduz o espírito schopenhaueriano da filosofia como decifração do enigma do mundo para além da representação ao descrever como a consciência torna-se capaz de compreender o mundo pelos dois pontos de vista.

*“Como a vontade é uma em nós, apesar da multiplicidade individual, as asas filosóficas podem transportar o nosso espírito além do mundo fechado do sonhador, esse mundo solitário da representação, cujo sujeito é estranho, mesmo para si mesmo. A analogia nos abre para o mundo da vontade, uma em sua multiplicidade, tanto quanto ela o pressupõe.*

*A consciência nos deu a chave do enigma. Cada um tem a consciência de que ele próprio é vontade, o ser do mundo, como tem a consciência de que ele próprio é o sujeito cognoscente, cujo mundo é a representação: ‘assim, sob essa dupla relação, cada um é ele próprio o mundo inteiro, o microcosmo; cada um encontra as duas faces do mundo, plenas e inteiras nele’.<sup>5</sup>*

---

<sup>3</sup> PERNIN, Marie-José. *Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p.75.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Idem. P.76.

O caminho traçado na filosofia da natureza sob o ponto de vista da vontade se define pela descrição de fenômenos onde podemos perceber a ação da vontade como origem da sua concretização. Como não se pode descrever racionalmente a vontade em si mesma, e nem mesmo diretamente suas ações individuais, o recurso mais apropriado é apontar nos exemplos a existência de algo além da simples representação, mostrando que até mesmo por trás de noções radicais como a de força, energia, de impulso e de vida se esconde uma idéia maior, a partir da qual todas essas já seriam derivações reduzidas. Assim, Schopenhauer fala da formação dos cristais, da composição e formação dos seres vivos, da vontade se objetivando nos fenômenos os mais variados na natureza. Ele percebe, por exemplo, a possibilidade de transpor o ponto de vista temporal do fenômeno para o ponto de vista da vontade atemporal a partir da analogia presente no seguinte trecho:

*“A força mesma é fenômeno da vontade e, enquanto tal, não está submetida às figuras do princípio de razão, ou seja, é sem fundamento. A força se encontra fora de todo tempo, é onipresente e, por assim dizer, parece constantemente esperar a entrada em cena das circunstâncias nas quais possa irromper e apoderar-se de uma determinada matéria, expulsando dela a força que até então a dominava. (...) Por milênios o galvanismo dormita no cobre e no zinco, os quais repousam tranqüilos ao lado da prata, que arde em chamas logo após os três metais entrarem em contato sob requeridas condições. Até mesmo no reino orgânico uma semente seca pode conservar por três mil anos a sua força latente, a qual, quando finalmente aparecem circunstâncias favoráveis, cresce como planta”.*<sup>6</sup>

Esse é o meio encontrado pelo filósofo para tornar evidente a existência da vontade universal segundo os ditames da observação racional. Como veremos adiante, a possibilidade de um conhecimento intuitivo diferenciado, de um sentimento da vontade que se estende a todos os fenômenos e que rompe com a perspectiva egoísta, configura-se como evento raro e casual, para o qual só alguns poucos iluminados têm

---

<sup>6</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. São Paulo: UNESP, 2005. §26. p.199.

acesso. Por outro lado, a tarefa de apresentar a Vontade segundo o princípio de razão se apresenta como uma via aberta para que todos possam compreender o mundo sob o segundo ponto de vista, ainda que por ela não se alcance uma certeza tão evidente quanto aquela, proporcionada pelo conhecimento intuitivo. Pois enquanto o conhecimento imediato evidencia a verdade por um sentimento indubitável, a descrição racional da vontade demanda evidências, demonstrações, justificações. Dessa forma, a filosofia da natureza encontrada no segundo livro mais aponta para o elemento central, a Vontade, do que efetivamente a demonstra, visto que, concordando com Kant, provar a sua verdade ou descrevê-la adequadamente são tarefas que se encontram além dos limites da razão.

Schopenhauer divide a ação da Vontade na natureza em diferentes graus, no que se refere às causas das transformações ou ações entre os fenômenos. Para os seres inanimados, afirma que a *causa* é, simplesmente, o que pode lhe impelir o movimento, tal como o impulso aplicado em uma pedra por alguém. Quanto aos seres vivos, há em um primeiro estágio a *excitação*, característica dos vegetais e das funções vegetativas nos animais. São reações instantâneas a afecções externas, tal como a sensibilidade das plantas, seu movimento em busca da luminosidade, e o reflexo dos animais a algo que lhes provoque dor. Já nestes últimos, aparecem também como causa da ação os *motivos*.

*“Dos animais não podemos propriamente dizer que sabem algo, embora possuam conhecimento intuitivo, para o qual também dispõem de recordação e até mesmo de fantasia, comprovadas por seus sonhos. Atribuímos aos animais consciência, conceito este que, embora seja derivado do saber, coincide com o de representação em geral, não importa o seu tipo”.<sup>7</sup>*

Com os animais surge efetivamente a representação, que pode ser mais ou menos completa dependendo da espécie. Os que dispõem de olhos, por exemplo, teriam uma percepção mais completa do mundo

---

<sup>7</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. São Paulo: UNESP, 2005. §9. p.99.

como representação. Além das sensações proporcionadas pelos sentidos, os animais já teriam desenvolvida uma estrutura que Schopenhauer denomina entendimento. Trata-se de uma estrutura mental formada por intuições *a priori*; são elas o espaço e o tempo, ambas formando, juntas, a noção de causalidade. Este conjunto de intuições é o que permite que o sujeito represente a realidade externa, percebendo e distinguindo objetos no mundo. A formação de uma consciência de si nos animais diretamente relacionada à percepção de objetos externos como representação é o que permite que estes tenham como causa de suas ações não só estímulos por excitação, mas também por motivos, ou seja, por uma reação à própria representação dos objetos que lhe aparecem. Assim se origina a realidade empírica e a percepção da mudança nos fenômenos. O conjunto dessas intuições imediatas pode ser definido como *princípio de Razão do devir*. No capítulo de sua tese *Da Quádrupla Raiz do Princípio de Razão Suficiente*, Schopenhauer define:

*“a primeira classe de objetos possíveis da nossa faculdade representativa constitui as representações intuitivas, completas, empíricas. São intuitivas considerando-as em oposição ao que é meramente pensado, ou seja, aos conceitos abstratos; completas enquanto, segundo a distinção de Kant, não só contém o formal, mas também o material dos fenômenos; empíricas, em parte porque não brotam de meras vinculações entre pensamentos, mas porque têm sua origem em uma estimulação da sensação pelo nosso corpo (...), e em parte porque, conforme as leis do espaço, do tempo e da causalidade, tomados em conjunto, se ligam àquele complexo sem princípio nem fim que constitui a nossa realidade empírica”.*<sup>8</sup>

Pode-se tomar a definição acima como uma introdução ao que o filósofo apresentara como sendo o Mundo enquanto representação. Sob o ponto de vista da representação é possível observar e descrever os aspectos constitutivos da intuição e do mundo objetivo, e é por ele que o autor inicia sua obra. A sua primeira afirmação diz: “o Mundo é minha

<sup>8</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *De La Cuádruple Raiz del Principio de Razon Suficiente*. Madrid: Editorial Gredos, 1981. §17. (p.61.)



representação'. Esta é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata".<sup>9</sup> Nesta sentença já são anunciados os dois níveis da representação. O primeiro, intuitivo, é aquele que compartilhamos com os animais. Diz respeito a noções espaciais, a relações não refletidas que criamos a partir da experiência, a habilidades de movimentação e de reação ao meio externo extremamente complexas, e que muitas vezes se mostram mais eficazes do que os movimentos coordenados por um cálculo racional prévio. Já o segundo nível da representação é denominado conhecimento abstrato. É o saber refletido, no qual as intuições da primeira forma de conhecimento – o intuitivo – se transformam em noções conceituais, sejam elas formadas por símbolos, nomes, ou por qualquer outro signo convencionado pela razão. É abstrato por que cria uma espécie de segunda realidade, simultânea àquela das impressões imediatas.

*“A visão panorâmica e multifacetada da vida em seu todo, que o homem tem pela razão e constitui vantagem em face dos animais, é também comparável a um diminuto, descolorido e abstrato esquema geométrico que indica o seu caminho de vida; com isso, ele está para os animais como o navegante, que, com suas cartas marítimas, compasso e quadrante, conhece com precisão a sua rota e cada posição no mar, está para a tripulação leiga que vê somente ondas e céu. Por isso é digno de consideração, sim, espantoso como o homem, ao lado de sua vida ‘in concreto’, sempre leva uma segunda ‘in abstracto. Na primeira está sujeito a todas as tempestades da realidade efetiva e à influência do presente, tendo de se esforçar, sofrer, morrer como o animal. Sua vida ‘in abstracto’, entretanto, como se dá à sua percepção racional, é o calmo reflexo da vida ‘in concreto’ do mundo em que vive, sendo justamente o seu mencionado diminuto esquema.”<sup>10</sup>*

---

<sup>9</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. São Paulo: UNESP, 2005. §1. p.43.

<sup>10</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. São Paulo: UNESP, 2005. §16. p.140

Em oposição ao conhecimento concreto originado do entendimento e suas intuições a priori, o conhecimento abstrato, ou simplesmente a razão, permite ao homem determinar conceitualmente a realidade, criar um esquema simplificado que represente e ordene o mundo fenomênico. A razão funciona por aproximação e distinção dos objetos, organizando-os em grupos e aplicando-lhes qualidades. Ela cria uma espécie de segunda realidade, na qual as idéias podem atuar como motivos para as nossas ações, e não só a realidade imediata tal como ocorre aos animais. Dessa forma surge a estrutura temporal típica do ser humano, a que divide o tempo em passado, presente e futuro, e que associa cada momento vivido aos demais. Com isso o modo de existir do homem se diferencia bastante do dos outros animais, principalmente no que se refere à cultura. Esta é propriamente a marca registrada da atuação da razão. Se o conhecimento intuitivo dos animais lhes permite obter, em certo grau, a consciência de si e perceber o mundo exterior com relação a suas necessidades imediatas – caçar, fugir, se proteger, dosar a força, pular num local determinado e de forma correta, equilibrar-se, mirar e atirar algo, etc – a razão, por sua vez, permite transformar essas noções imediatas em conceitos abstratos, determinados por nomes, números, esquemas, cálculos, teorias ou sistemas. Dessa forma, torna-se possível transmitir o conhecimento de um indivíduo para outro, bem como compartilhá-lo e dividi-lo quando se deseja executar tarefas que necessitam de trabalho em conjunto. Tudo isso constitui aquilo que entendemos por “cultura”.

*“O conhecimento intuitivo vale somente no caso particular, aplica-se sempre ao que há de mais próximo, permanece neste, pois a sensibilidade e o entendimento só podem perceber um objeto por vez. Por conseguinte, toda atividade contínua, coordenada, planificada, tem de provir de princípios, portanto de um saber abstrato, e ser levada a bom termo em conformidade com ele. Assim, por exemplo, o conhecimento que o entendimento tem da relação de causa e efeito é muito mais perfeito, profundo e exaustivo do que é possível pensá-lo ‘in abstracto’.*

*(...) O saber, o conhecimento abstrato, tem o seu grande valor na comunicabilidade, em poder ser fixado e conservado. Só assim se torna*

*tão importante e indispensável na prática. Alguém pode ter pelo entendimento um conhecimento intuitivo e imediato da conexão causal das mudanças e movimentos dos corpos naturais, encontrando nisso completa satisfação; porém, para sua comunicação, faz-se preciso, antes, fixar o assim conhecido em conceitos”.*<sup>11</sup>

Percebemos nessa passagem em que consiste a importância de cada uma das formas de conhecimento. O intuitivo é mais adequado e preciso com relação à prática e à interação com o mundo, enquanto o segundo é necessário para a comunicação e o planejamento. Em alguns casos, como na construção de uma máquina ou de um edifício, o conhecimento abstrato torna-se imprescindível, mas em outros ele seria um verdadeiro estorvo se fosse realmente empregado. É o caso, por exemplo, do jogador de bilhar que dispõe de uma noção intuitiva da reação e choque entre as bolas. Para ele seria muito mais complicado calcular forças e ângulos com teorias físicas a cada nova tacada. O mesmo ocorre, por exemplo, “na esgrima, no manejo de um instrumento, no canto. Aqui o conhecimento intuitivo tem de conduzir a atividade; o imiscuir-se da reflexão torna a coisa incerta, confundindo a pessoa”<sup>12</sup>. Em todos os casos, é importante destacar que para Schopenhauer todo conhecimento abstrato provém da experiência imediata, das sensações e das intuições do entendimento, ou seja, têm origem no sentimento e no conhecimento intuitivo. Ele faz uma analogia, afirmando que “a razão é de natureza feminina, só pode dar depois ter recebido”, e que “abandonada por si mesma possui apenas as formas destituídas de conteúdo com que opera”.<sup>13</sup> O princípio de identidade, de contradição, do terceiro excluído e de razão suficiente constituem os únicos saberes originados diretamente da razão, da própria constituição da faculdade de pensar. Todos os demais conhecimentos já pressupõem relações entre as esferas conceituais originadas do conhecimento intuitivo. Excetuando-se a lógica pura, pelos princípios referidos acima, o homem

---

<sup>11</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. São Paulo: UNESP, 2005. §12. p.102.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Idem. §9. p.99

*“em todas as demais ciências adquire o seu conteúdo a partir das representações intuitivas. Na matemática, a partir das relações do espaço e do tempo, conhecidas intuitivamente antes de qualquer experiência. Na ciência pura da natureza, isto é, naquilo que sabemos sobre o curso da natureza antes de qualquer experiência, o conteúdo da ciência provém do entendimento puro, ou seja, do conhecimento a priori da lei de causalidade, sua ligação com as intuições puras do espaço e do tempo. Nas demais ciências, tudo aquilo que não foi extraído das fontes mencionadas pertence à experiência”.*<sup>14</sup>

Pode-se pensar então: É possível um conhecimento puramente objetivo? E por outro lado, pode haver um conhecimento totalmente à parte do princípio de razão? Schopenhauer afirma a possibilidade dessas duas formas de conhecimento nos últimos livros de sua obra principal. A primeira trata da contemplação estética, enquanto a segunda diz respeito à atitude ética autêntica. Apesar de não fazerem parte do foco principal deste trabalho, estas duas posturas merecem uma breve apresentação.

Por conhecimento puramente objetivo o filósofo compreendia algo totalmente diverso da usual concepção de conhecimento científico neutro. Para ele, para ser puramente objetivo, o conhecimento deve abandonar todas as noções subjetivas, o que implica abandonar, além dos interesses da vontade individual, a própria faculdade da razão, ou seja, o objeto deve ser percebido fora dos moldes do princípio de razão suficiente. Isto é a contemplação estética, uma percepção direta da idéia, e não mais do objeto particular. A idéia possui estatuto semelhante ao que fora conferido por Platão; em Schopenhauer, se origina de uma objetividade imediata da vontade, ainda não concretizada na forma do fenômeno particular. Caracteriza-se como algo entre a vontade em si e o objeto particular, ou seja, é a vontade assim que esta se tornou objeto, contudo ainda não entrou no espaço, no tempo e na causalidade; como os graus de objetivação da vontade. Como define o filósofo,

---

<sup>14</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. São Paulo: UNESP, 2005. §10. p.99.

*“Esses graus são exatamente as idéias de Platão. Estas, em verdade, são as formas imutáveis imperecíveis e que nunca devem de todas as coisas que nascem, mudam e perecem. Exatamente elas são nossos graus de objetivação da vontade, ou seja, todas as espécies determinadas dos reinos orgânico e inorgânico, as formas originárias e índoles imutáveis de todos os corpos naturais, também de todas as forças naturais que se manifestam segundo leis naturais.”<sup>15</sup>*

A possibilidade da representação percebida de forma pura, ou da pura objetividade na contemplação da idéia é apresentada no terceiro livro de *O Mundo como vontade e como Representação*. Em *A Metafísica do Belo*, um suplemento do terceiro livro de *O Mundo...*, encontramos a importante afirmação de que, para que se possa atingir o conhecimento das idéias a partir dos fenômenos, deve haver necessariamente uma alteração no próprio sujeito que conhece. Pois

*“visto que, como indivíduos, não temos nenhum outro conhecimento senão o submetido ao princípio de razão, que, por sua vez, exclui o conhecimento das idéias, então é certo: quando nos elevamos do conhecimento das coisas isoladas para o conhecimento das idéias, isso só pode ocorrer mediante uma mudança prévia no sujeito, que, correspondendo àquela grande mudança na natureza inteira do objeto, é-lhe análoga, e devido à qual o sujeito, na medida em que conhece a idéia, não é mais indivíduo.”<sup>16</sup>*

O gênio, figura central desta temática, é o sujeito dotado de uma inteligência que supera a dos homens comuns, e cuja potência excede as necessidades práticas da vontade. Sendo assim, em toda a sua existência percebe a realidade de forma peculiar. Os objetos lhe aparecem mais nítidos, e toda a realidade, mais intensa. Em determinados momentos, o gênio simplesmente se ausenta. Pode se dizer que suas determinações subjetivas são desativadas nesses instantes, e ele então alcança o estado desinteressado da contemplação

<sup>15</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A Metafísica do Belo*. São Paulo: UNESP, 2003. p.30.

<sup>16</sup> Idem. P.41.

estética. Na verdade, segundo Schopenhauer, todos são capazes de contemplar em alguma medida; ocorre apenas que esta capacidade se encontra mais concentrada e evidente nos indivíduos dotados de genialidade. O resultado perceptível desta diferença é constatado no fato de que só o gênio é capaz de contemplar as idéias diretamente a partir da natureza, enquanto os homens comuns só as alcançam na contemplação da arte. Criadas como meio de representar a idéia, como tentativa de traduzir a contemplação vivida pelo gênio, a obra de arte configura uma espécie de ponte, permitindo o acesso do público à contemplação das idéias.

Já a segunda forma extraordinária de conhecimento diz respeito à possibilidade de uma intuição imediata do mundo como vontade. Nesse caso, o sujeito não adquire uma representação objetiva da vontade no mundo, mas a sente de forma direta. Percebe a vontade em todas as suas manifestações, identificando o seu querer particular a todos os entes. É por isso que tal conhecimento do mundo possui implicações éticas, pois não configura apenas uma representação dos objetos ou uma contemplação das idéias. Como sentimento, a intuição ética leva o indivíduo necessariamente a adotar uma atitude, seja ela a afirmação, a negação da vontade, ou a compaixão a partir da identificação com o sofrimento alheio.

A fonte deste conhecimento é, na verdade, a mesma que permite a afirmação da existência da vontade individual. Partes da percepção do querer interno presente no indivíduo, e reconhecível através do corpo. A partir de sentimentos como dor, prazer, ansiedade ou impulsos, pode-se identificar no corpo a atuação de uma força interna impelindo o indivíduo à ação. Essa é uma possibilidade dada a todo ser humano. No entanto, o que tal reconhecimento confere ordinariamente é somente a percepção da vontade individual, o que na maioria das vezes leva a uma diferenciação radical entre o eu e o não-eu, ou seja, a uma postura egoísta do sujeito. Por não sentir a vontade atuando no interior do corpo alheio, e em todos os fenômenos do mundo exceto o seu próprio corpo, o sujeito confere a si uma importância maior do que o restante do mundo. No entanto, a postura ética inclui uma forma diferente de percepção da

realidade. Sua origem basea-se, assim como a postura egoísta, no sentimento imediato da vontade. Entretanto, ela não se evidencia como uma intuição do querer individual, mas sim da vontade universal atuando em todos os fenômenos. Por essa intuição diferenciada o sujeito, além de perceber-se a si mesmo como manifestação de uma vontade, identifica essa mesma vontade como essência de todos os fenômenos. Tal identificação ao mundo não é conceitual; ela se concretiza pelo sentimento. "*Não um conhecimento abstrato, expresso em palavras, mas sim um conhecimento vívido e independente de dogmas*"<sup>17</sup>, é como Schopenhauer descreve este tipo de intuição. Por isso ela envolve uma atitude ética, a atitude da compaixão. Diferente da mera percepção, o sentimento imediato da identificação de uma mesma vontade em todas as coisas faz com que o sujeito ultrapasse o princípio de individuação, o que significa que ele passa a perceber o outro como a si mesmo, e o sofrimento alheio como seu. Poder-se-ia dizer que sua individualidade se amplia ao infinito, já que toda ação da vontade é sentida como sua, afinal, esta postura ética se opõe ao egoísmo. Schopenhauer resume este sentimento moral afirmando que "o conhecimento de que todo ser vivo é tanto nossa essência em si, quanto a nossa pessoa, estende a nossa simpatia a todo ser vivo, e com isso o coração se dilata".<sup>18</sup>

Em oposição à postura da contemplação estética, na qual o sujeito se anula para que a representação apareça de forma pura como idéia, o conhecimento apresentado na ética pode ser caracterizado como aquele em que o mundo da representação é subjugado em favorecimento do sentimento, ou do conhecimento imediato da vontade, no qual é o sujeito que adquire universalidade na percepção da vontade. Não mais é ele o sujeito da individualidade limitada pelo corpo, mas de uma individualidade que abarca todo o mundo fenomênico.

Tudo isso pode ter consequências distintas na vida de uma pessoa. Ela pode, ao perceber a realidade em sua essência como vontade, afirmá-la conscientemente - o que configura a atitude do herói - ou negá-la,

<sup>17</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e Representação*. São Paulo: UNESP, 2005. §54. p.370.

<sup>18</sup> Idem. §66. p.475.

vendo nela a fonte de todo o sofrimento. Esta é a atitude adotada pelos santos e os ascetas.

Contudo, tais acontecimentos - tanto a contemplação estética quanto a compreensão ética - não constituem a normalidade para o ser humano. Pelo contrário, se caracterizam como exceções, acontecimentos raros e, no caso do sentimento ético, é algo que ocorre como uma graça ou milagre. Ainda que seja importante abordar essas questões para uma melhor compreensão geral da filosofia de Schopenhauer, permanece como objetivo central da presente investigação analisar a forma como se dá o conhecimento do mundo a todos os homens, elucidar os fatores que interferem neste processo e investigar como o sentimento de estar vivo torna peculiar a sua forma de pensar. É determinante que se entenda que, em Schopenhauer, as capacidades que permitem os raros eventos da genialidade e da santidade estão, presentes também no homem comum, apenas se apresentando em graus menos desenvolvidos. Afinal, a todos é dada a possibilidade da contemplação, ainda que a partir das obras de arte. E mesmo no homem comum podemos perceber nuances do sentimento de afinidade e de compaixão, ainda que tais expressões não se encontrem de forma pura, pois estão, de certa forma, submetidas ao princípio de razão suficiente.

Cabe agora retomar o estudo dos fatores atuantes e necessários no processo de conhecimento humano. A saber, as representações abstratas, as representações intuitivas e o sentimento interno da vontade.